

**UNEB – UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XI
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE SERRINHA, TOMANDO-
SE COMO BASE OS CARNAVAIS DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL
SERRINHENSE, ENTRE 1970-1980**

Conceição do Coité-BA
2014

KATIANE DOS SANTOS

**TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE SERRINHA, TOMANDO-
SE COMO BASE OS CARNAVAIS DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL
SERRINHENSE, ENTRE 1970-1980**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação,
Campus XIV, Curso de Licenciatura em História, como
instrumento de avaliação final para obtenção do grau de
Licenciada em História.

Professor Orientador: Ms. Antonio Vilas Boas.

Conceição do Coité-BA
2014

RESUMO

Nesse trabalho tenho como foco o clube Associação Cultural Serrinhense e as transformações sociais na cidade de Serrinha entre os anos 1970-1980 partindo desse espaço que se configurou um marco na sociedade serrinhense, a partir da promoção cultural e social dos eventos promovidos pelo clube. Alguns pontos são destacados a exemplo do carnaval no clube e na rua, elencando de que forma o carnaval foi promissor na divulgação da cultura local e regional.

A participação das mulheres também tem destaque nessa pesquisa, elas, enquanto agentes sociais contribuíram muito nos eventos festivos e sociais do clube. A mulher foi na verdade a mantenedora dos carnavais promovidos pela Associação é possível ter essa noção com a observação de fotos e manchetes nos jornais, quando estas vinham sempre como destaque da festa. Outro destaque é para o clube enquanto espaço de construção e reconstrução social e cultural, formador de identidades. Era natural encontro de amigos nesse local em dias normais, era onde os sócios se encontravam para falar e criar estratégias políticas. Os encontros amorosos também eram normais, aqui as famílias da mesma classe social se encontravam e então se promovia os encontros entre com indivíduos da mesma “nobreza” como relata um dos entrevistados.

Palavras chaves

Associação, carnaval, Serrinha, mulher.

LISTA DE ILUTRAÇÕES

Figura 1- Fachada da Associação Cultural Serrinhense	18
Figura 2- Cartaz publicitário da ACS	20
Figura 3- Publicidade sobre O Carnaval da ACS.	24
Figura 4- Mulheres participando de concursos nos Carnavais da ACS	27
Figura 5- Casamento religioso na ACS	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1. ENFIM, A CULTURA TEM LUGAR NA PESQUISA HISTÓRICA.	07
2. A ORIGEM DO CARNAVAL	12
2.1 <i>Carnaval no Brasil</i>	14
2.2 <i>O Carnaval de Serrinha</i>	15
3. A ASSOCIAÇÃO CULTURAL SERRINHENSE	18
3.1 <i>As Transformações Socioculturais</i>	22
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O carnaval foi o marco da cultura de Serrinha nos anos de 1970-1980, tendo como referência o carnaval da Associação Cultural Serrinhense (ACS). A cidade ficava movimentada, pois várias pessoas vinham de outros municípios da região, bem como da capital baiana, para participar dos festejos que duravam vários dias. Além disso, o evento se constituía num momento de manifestações políticas dado a quantidade de personalidades dessa área que compareciam à festividade, principalmente aos bailes realizados pela ACS.

Os dias de carnaval contavam com vários eventos culturais, realizados em diversos lugares espalhados pela cidade e iam desde os bailes de debutantes, desfiles de Miss, apresentações de capoeiras até aniversário de pessoas consideradas renomadas e solenidades para receber personalidades políticas, como uma feita para comemorar a presença do deputado estadual Rubem Carneiro na festividade carnavalesca.

Pretendemos com esse trabalho **mostrar de que forma a Associação Cultural Serrinhense, fundada em 30 de outubro de 1952, contribui para, através das festividades momescas, implementar o desenvolvimento da cultura local.** É óbvio que as transformações trazidas pela ACS não se restringem, única e exclusivamente ao período carnavalesco, mas entendemos ser este evento um ponto de partida para compreendermos essas mudanças.

Para dar conta do nosso objetivo fez-se necessário **perceber quem foram os sujeitos inseridos nesse universo, bem como conhecer o papel de cada um deles nesse processo.** Finalizando, foi imprescindível **estudar a constituição da ACS, resgatando documentos, textos, notícias, enfim, elementos que contribuíram para a efetivação desta pesquisa.**

Assim, ao final dessa pesquisa foi possível conhecer quais as transformações culturais ocorreram no município de Serrinha a partir dos eventos carnavalescos promovidos pela e na Associação Cultural Serrinhense, entre o período de 1970-1980.

Para realizar essa tarefa, contamos com o material disponível nos arquivos do Museu Pró-Memória, em Serrinha-Bahia e lá, com autorização do responsável tivemos acesso a reportagens, fotos, dentre outros materiais que contam a história

do carnaval de Serrinha e, através dele, o papel da ACS. Foi autorizado o registro em fotos deste material.

No cartório de registros do Fórum Luiz Viana Filho (Serrinha) consultamos atas e outros documentos e na impossibilidade de conseguir cópias, fizemos inúmeras anotações a punho. Também entrevistamos várias pessoas ligadas à ASC, muitos deles associados do período acima citado. Gravamos e transcrevemos suas falas, o que ajudou bastante na realização desse trabalho.

Para estudarmos o papel da ACS no desenvolvimento da cultura local, o exercício, como poderão observar, não se fez diretamente das fontes existentes sobre a mesma, pois há carências de registros escritos, bem como a dificuldade em encontrarmos pessoas dispostas a falar sobre aquela Associação. Em razão desses obstáculos, nos propomos a partir de um tema específico, como o carnaval e, a partir daí, percebermos a contribuição da ACS no desenvolvimento da cultura local do município de Serrinha, interior baiano.

Creemos que o conhecimento dos trabalhos da ACS, a partir das festividades carnavalescas, nos leva a conhecer um pouco da história das práticas e dos fazeres de uma parte da população serrinhense, entendendo seus costumes, concepções, formas de atuação etc, aspectos que podem ser exteriorizados, principalmente durante os dias de carnaval.

Entendemos, também, que estudar os trabalhos da ACS significa investigar a história local, a história de Serrinha, e esse recorte, ainda que mínimo, nos possibilita visitarmos um pouco dessa história, deixando registros escritos para posterior aprofundamento e consultas.

Além das fontes primárias, tivemos que compreendermos o conceito de cultura e para tanto nos apoiamos nas leituras de BURKE (2010); ARAÚJO (2007); FREIRE (2001). O conhecimento sobre as origens do carnaval e suas diversas manifestações foi obtido através das obras de CUNHA (2001; 2002).

1. ENFIM, A CULTURA TEM LUGAR NA PESQUISA HISTÓRICA.

Encontrar um lugar para o estudo de determinados objetos, como aqueles considerados culturais, não se constituiu num exercício dos mais fáceis e isso se deve à concepção inicialmente construída e difundida acerca daquilo que seria eleito para a escrita da história.

Desde os tempos de Heródoto e Tucídides, a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros: crônica monástica, memória política, tratados de antiquários, e assim por diante. A forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis (BURKE, 1992, p.17).

Ora, a predominância dos documentos oficiais em detrimento de qualquer outro vestígio portador de informações sobre os comportamentos humanos reduz o campo da investigação a somente fatos e atos de natureza política e ainda assim aqueles classificados de grandes envergaduras, como as guerras, os eventos tidos como memoráveis, as ações imperialistas, etc.

Ainda no século XIX essa concepção restrita do que seja a história e dos seus objetos de pesquisa é predominante, pois partia-se da ideia de que somente através dela era possível “conhecer o passado da humanidade tal como ocorreu”. Para tal, os historiadores positivistas...

[...] baseavam suas análises em perspectivas deterministas e paradigmáticas que tendiam ao absoluto, isto é, ressaltavam, por intermédio de uma variedade de documentos oficiais escritos, os fatos mais importantes; ordenavam-nos seguindo uma ordem cronológica e linear de apreensão do tempo e descreviam-nos com a perspectiva de reviver o passado da humanidade (RODRIGUES, 2011, p.20).

Uma das grandes contribuições para que esse culto ao documento oficial e aos acontecimentos políticos deixasse de ser predominante veio do pensamento de Lucien Febvre e Marc Bloch, considerado por muitos como “os líderes do que pode ser denominado Revolução Francesa da Historiografia” (BURKE, 1992, p. 17).

Ao fazer essa análise, Burke compara o trabalho dos historiadores com o movimento revolucionário desencadeado pelos franceses, em 1789, e que

culminaria com a deposição da monarquia, vista como uma tradição. No caso aqui, e o surgimento de uma concepção historiográfica que se opõe totalmente ao modelo considerado como tradicional.

Com o surgimento da Escola dos Annales passa a existir um pensamento interdisciplinar, pois os responsáveis por essa Escola defendem a utilização de outras ciências, em conjunto com a História, para a produção do conhecimento histórico. Ou seja, a história não se faz mais sozinha, mas com a contribuição de outras ciências. Há, também, um alargamento, não somente das fronteiras em relação aos campos da pesquisa, como conseqüentemente das fontes, incluindo outros personagens e suas histórias deixados de lados a partir de uma visão tradicional de História.

Uma das grandes contribuições de Ranke foi sua exposição das limitações das fontes narrativas — vamos chama-las de crônicas — e sua ênfase na necessidade de basear a história escrita em registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos. O preço dessa contribuição foi à negligência de outros tipos de evidência. O período anterior à invenção da escrita foi posto de lado como “pré-história” [...]. Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte (BURKE, 1992, p. 13).

Como percebemos, a partir da Escola dos Annales, novos métodos, objetos e fontes são incorporados à pesquisa histórica, possibilitando a emergência de uma história que não seja vista como somente de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos (BURKE, 1992, p.12), mas que se atenha às outras especificidades e essas bem mais abrangentes, dando espaço para a cultura e esta vista como:

[...] um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais), em que ela é expressada. A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ela (BURKE, 2010, p.11).

Santos (2006) ao discutir o conceito de cultura afirma que este se trata de um termo muito polissêmico e, como tal, sujeito a muitas interpretações. Essas interpretações podem hierarquizar as culturas, reduzi-las a determinadas

manifestações, ou marginalizar práticas culturais, excluindo-as, inclusive, do campo cultural.

Vejamos alguns desses sentidos comuns. Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma. A lista pode ser ampliada (SANTOS, 2006, p. 21-22).

Mesmo considerando a multiplicidade de significados, Santos (2006) nos apresenta dois conceitos de cultura. O primeiro deles mais amplo, por buscar abranger uma totalidade, enquanto que o segundo traz aspectos reducionistas, pois se limita a determinados aspectos da vida humana.

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação" ou então de grupos no interior de uma sociedade (SANTOS, 2006, p. 24-25).

Quanto ao segundo conceito, o autor nos diz que:

[...] neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. Observem que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças sem pensar na sociedade à qual se referem. O que ocorre é que há uma ênfase especial no conhecimento e dimensões associadas (SANTOS, 2006, p. 24-25).

Cultura no primeiro sentido acima discutido pelo autor não tem um caráter reducionista, mas atém-se a tudo aquilo que compõe à vida humana, ou seja, aos costumes, práticas, comportamentos, crenças, ideologias, etc.

Freire (2001), ao discutir o processo de conscientização do homem afirma que este vai se construindo quando de uma relação interacionista realizada por este com o mundo à sua volta e com os diferentes contextos de vida. Ao agir desta forma, o homem acaba produzindo cultura que para Freire é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e

estabelecer relações de diálogo com outros homens (FREIRE, 2001, p. 43).

A partir da visão do educador brasileiro, a cultura se torna um elemento bastante dinâmico, vivo, pois é construído a partir da atuação dos homens, nas relações estabelecidas entre eles. A cultura não é algo inato, dado, mas fruto da historicidade.

Neste sentido, é lícito dizer que o homem se cultiva e cria a cultura no ato de estabelecer relações, no ato de responder aos desafios que lhe apresenta a natureza, como também, ao mesmo tempo, de criticar, de incorporar a seu próprio ser e de traduzir por uma ação criadora a aquisição da experiência humana feita pelos homens que o rodeiam ou que o precederam (FREIRE, 2001, p.44).

Acerca desse processo de interação entre os homens, Santos (2006) ressalta, concordando com Paulo Freire, que “[...] na verdade, se a compreensão da cultura exige que se pense nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, é porque eles estão em interação” (SANTOS, 2006, p. 9).

Mas, o campo da cultura, também é um universo tenso, permeado pelas contradições existentes entre aqueles que sedimentam as suas práticas culturais e tentam normatiza-las, impondo-as aos demais. Ao recorrermos à história perceberemos que não foram raros os momentos em que as expressões de determinados grupos e povos foram alvos das tentativas de marginalização, através de inúmeros processos, como os de hierarquização das culturas que defendiam a existência estágios pelas quais as sociedades deveriam passar até chegar à civilização.

Segundo as versões mais comuns desses estudos, a humanidade passaria por etapas sucessivas de evolução social, que a conduziriam desde um estágio primordial onde se iniciaria a distinção da espécie humana de outras espécies animais até a civilização tal como conhecida na Europa ocidental de então. Todas as sociedades humanas fariam necessariamente parte dessa escala evolutiva, dessa evolução em linha única (SANTOS, 2006, p. 14).

Burke (2010) ressalta que por volta do século XVI/XVII as expressões culturais do povo sofreriam a ingerência por parte das elites e dos cleros católico e protestante que, insatisfeitos com as mesmas buscaram reformá-las e tal tentativa tinha precedentes medievais, mas foi mais eficaz no início da Europa Moderna do

que na Idade Média (BURKE, 2010, p. 313).

A elite e o clero, então mergulhados na religiosidade, se viram no direito de educar, purificar a população corrompida da sociedade, considerando o que era moral do seu ponto de vista. Para alcançar os seus objetivos os grupos dominantes (clero católico e protestante), criou meios de introduzir novas formas de comportamento no povo comum. Reinventaram as festas religiosas com um toque de “mundanismo” e canções reelaboradas.

Por volta do século XVIII, na Europa, as feiras livres, “palco” de apresentação artística e cultural, declinou em comparação ao alargamento do mercado comercial de objetos artesanais, que possibilitou a valorização das apresentações artísticas. O entretenimento popular se transformou em “comercio do lazer”. Para os homens de negócio essa atividade era bom investimento, pois as facilidades haviam aumentado a mobilidade das pessoas, a comunicação, o crescimento populacional nos centros urbanos resultado do aumento comercial e da produção industrial.

Os espaços de entretenimento, a exemplo dos teatros, foram reorganizados, tornando-se um espaço formal. Os proprietários podiam agora contar com anúncios em jornais e periódicos para informar o público. Com a privatização do entretenimento, a plateia também se modificou, pois muitos não poderiam comprar ingresso, pois a massa popular mal podia prover seu próprio sustento diário.

O caso mais notável de comercialização da cultura popular é o circo que remota do século XVIII, os elementos do circo como, palhaços acrobatas são tradicionais; o novo era a organização, o uso de um recinto fechado e o papel do empresário, pois anteriormente esses artistas se apresentavam nas ruas e praça publica de maneira aleatória e autônoma segundo a pesquisa feita por (BURKE, 2010.p.329)

Nas maiores cidades, o processo parece ter enriquecido a cultura popular, em contrapartida houve um empobrecimento dessas expressões nas regiões rurais, pois os artistas procuravam os centros urbanos para desenvolver suas atividades naturalmente com o desejo de conseguir algum lucro. (BURKE, 2010).

No século XVIII o povo havia assimilado as ideias que os reformadores lhe haviam imposto, mas essa absorção se deu de forma diversificada e própria, ou seja, o povo aderiu o novo no seu velho modo de ver e pensar a vida de acordo com suas experiências de classe e isso ficou notório nas produções populares como,

panfletos e canções políticas, produzidas na guerra dos Trinta Anos.

2. A ORIGEM DO CARNAVAL

A Europa Moderna nasceu repleta de rituais e fossem eles religiosos ou seculares foram introduzidos no cotidiano da população dos mais diversos estratos sociais. O carnaval se mostra como uma dessas maiores expressões culturais das Sociedades Ocidentais.

Falar das festas carnavalescas é nos reportarmos, especificadamente, à Europa do século XIII, onde era possível encontrar uma variedade de carnavais, cada qual com as suas peculiaridades (BURKE, 2010, p.248). Geralmente, segundo Burke (2010) o início do carnaval acontecia lá por volta do mês de janeiro e ganhava força à proporção que se aproximava da festa da Quaresma.

Esteticamente, Burke (2010) diz que o Carnaval pode ser visto como um espetáculo teatral e, assim, repleto de personagens, textos, cenários, figurinos e espectadores.

Fantasiados, alguns dos personagens aproveitavam aquele momento para entrar em espaços jamais autorizados, mostrando dessa forma que a festa proporcionava a quebra de muitas das regras existentes e que demarcavam os espaços sociais, “pois não havia uma distinção marcante entre atores e espectadores” (BURKE, 2010, p. 249).

Quanto aos figurinos utilizados muitos deles simbolizavam personagens reais e que faziam parte do cotidiano das cidades, daí se perceber o universo repleto de significados que se constituía o carnaval.

O povo usava máscaras, algumas com narigões, ou fantasias completas. Os homens se vestiam de mulher, as mulheres de homem; outros trajes populares era os de padre, diabo, bobo, homens e animais selvagens, como, por exemplo, o urso (BURKE, 2010, p. 249).

Mas, os figurinos tinham outra característica: primavam pelo excesso. Seu caráter de ocasião especial era simbolizado nas roupas. Para vestir-se o pobre, basta pouco, mas espalhafatosamente, com casaco rendado e meias de cores

brilhantes; suas fivelas são de um tamanho enorme. As roupas especiais eram sinal de que o dia não era um dia comum.

Os cenários variavam bastante. Os personagens ocupavam as ruas, praças, adentravam nas casas, clubes e confrarias. Nesses últimos parece haver uma distinção entre os seus ocupantes e aqueles das praças. Aos poucos, conforme podemos perceber no texto abaixo O Carnaval vai tomando a forma do carnaval de rua que se popularizou no Brasil desde o início do século XIX segundo os estudos de Maria Clementina Cunha.

Evidentemente o carnaval vai além deste ritual central. Já no século XVI, se não antes, numerosos eventos menos formais começaram a gravitar em torno dele. Esta semiperiferia, como poderia ser chamada, incluía a caça de touros nas ruas, cavalgadas na arena do Campo São Stefano (...), e a produção de espetáculo com diferentes temas. Estes “triumfos” (...), como Sanudo os chamou, incluíam gigantes e ninfas. (1527); um combate entre quatro homens jovens e quatro “homens selvagens” (1529); um diabo a tentar um peregrino (1531), e um combate entre a Sabedoria e a Ignorância (1532), a Ignorância sentada em um asno, “com seu rabo na mão”. Entre estes temas medievais tradicionais, o espetáculo renascentista de 1528, representando Netuno, Marte, Mercúrio e outros deuses, destaca-se como algo inusitado. Contudo não era o único deste tipo; em 1587, por exemplo, havia um espetáculo, ou máscara, de Venus e os planetas. Como pano de fundo deste espetáculo imagine-se cantorias, danças, (incluindo danças de esgrima), peças de teatro, banquetes e bailes nos palácios dos patrícios e o som de pífano e trompetes dia e noite; tudo isso está registrado em Sanudo. (BURKE, 2002, p. 29-30).

Mesmo se tratando de uma festa e, como tal, desprovida de muitas formalidades, o carnaval europeu era repleto de significados, dentre eles, uma oposição à ordem estabelecida no cotidiano das pessoas. Burke (2010) afirma que O Carnaval não se opunha unicamente à festa que o antecedia – Quaresma – mas ao resto do ano. Era uma forma, então, de subverter o que está posto como regras a serem cumpridas? Constituía-se num momento de externar concepções que noutros momentos não seria permitido? São muitas as possibilidades e as representações carnavalescas eram expressões da mentalidade e das aspirações do povo, do mais simples ao mais sofisticado dos foliões. “A ideia era se permitir”.

2.1 Carnaval no Brasil

Em 1850 funda-se no Rio de Janeiro a primeira Sociedade Carnavalesca, a ideia era instituir o verdadeiro carnaval à moda “veneziana” (CUNHA, 2001), onde a elegância deveria sobressair, não havendo espaço para limões de cheiro e nem bisnaga, objeto que os foliões usavam para molhar os foliões. As praticas do carnaval de rua (não original), era condenada pelas Sociedades carnavalescas. As troças, os mascarados que se divertiam em atormentar os pedestres e os vizinhos, os desfiles de negros que cantavam em língua nativa era condenada pelas Sociedades preconceituosamente (CUNHA, 2001).

Nas sociedades humanas, a divisão de classe se manteve bem caracterizada, principalmente nas sociedades “civilizadas”, nesse contexto há sempre a tentativa de sufocar a cultura da classe “inferior”, mas não é possível exterminar a cultura de um povo que se sobrepõe às investidas contrarias. A cultura mais aclamada é certamente a cultura dos “vencedores”, a elite, criando assim, meios para se perpetuarem na posição em que estar. E interessante falar um pouco dessa classe.

A fundação das Sociedades Carnavalescas no Rio de Janeiro, certamente influenciou a criação de outras sociedades em varias regiões do Brasil, já que durante o Império, República e governo Vargas o Rio foi a capital do Brasil.

A criação de sociedades foi uma forma que a elite encontrou para se manter longe da interferência dos populares (maioria negra). As festas nesse novo espaço eram seguidas de requinte e cerimônias elegantes, nesse espaço os brancos (em sua maioria) podiam se misturar e sentir-se a vontade com todos, pois eles tinham algo em comum, eram detentores da riqueza brasileira, da melhor educação que os pais podiam oferecer.

Nesse espaço, os pais podiam levar suas filhas (senhorinha) e quem sabe encontrar um pretendente à altura. Não havia risco de elas serem contaminadas por maus costumes da população “suja”, “ignorante” e sem “brio”, que arrastava o Brasil para a desordem (SCHWARCZ, 1993).

Na obra, *Ecos da Folia* da escritora Maria Clementina Pereira Cunha, vários significados sociais são abordados a partir do carnaval, entre eles as diferenças de comportamento mais contundentes entre os foliões que variam com o tempo, o grupo social e o medo de suposta corrupção por parte das elites pelos populares

quando diz que “as esposas e filhas raramente têm permissão para irem a bailes de mascaradas sem que estejam acompanhadas de seus maridos e pais, ou outra pessoa de confiança que as vigie” (CUNHA, 2001).

2.2 O Carnaval de Serrinha

Como quase em todo o estado da Bahia, o carnaval faz parte da vida de milhões de baianos, proporcionando prazer, diversão durante os vários dias em que o mesmo acontece.

Em Serrinha não é muito diferente dos outros espaços e mesmo que tenha às suas especificidades, próprias das reelaborações que cada povo faz da festa, o carnaval se constitui num momento onde o serrinhense, bem como outras pessoas vindas doutros lugares, extravasa a sua alegria.

O município de Serrinha está localizado no considerado Território do Sisal, uma área que abrange cerca de 20 municípios e tem uma população estimada em 560.000 habitantes. Criado em 13 de junho de 1876, através da Lei Provincial n.1.069, Serrinha tem uma população estimada, segundo o Censo 2010 de 76,762 habitantes.

São muitas as festas que marcam o cotidiano do município de Serrinha e que trazem dividendos econômicos, sociais, políticos e culturais para todo o município. Dentre as festas mais conhecidas, a Vaquejada de Serrinha é um desses eventos que atrai pessoas de vários lugares do país.

Além da Vaquejada, a Semana Santa é outra festa que movimenta a população de Serrinha. De caráter eminentemente religioso – visto que celebra a paixão de morte de Jesus Cristo – a Semana Santa de Serrinha atrai milhares de pessoas que durante vários se integram às mais diversas atividades comemorativas.

O Carnaval, porém, é a mais antiga tradição cultural desenvolvida no município de Serrinha-Bahia. Segundo o nosso entrevistado 1:

O carnaval em Serrinha começou lá por volta dos anos 30 segundo dizia o meu finado pai, o carnaval era uma festa que as famílias da sociedade fazia em suas casas de época em época, com o tempo a festa foi crescendo e aí foi pra rua, algumas famílias foi ficando famosas por fazer o carnaval em suas casas, era muito bom todo

mundo se divertia não tinha a bagunça de hoje era todo mundo compadre (informação verbal)¹.

Os primeiros folguedos datam do início deste século e eram realizados em casa de famílias como mostra a fala de um dos entrevistados. Os personagens que deles participavam usavam, tal como na Europa do século XIII, todo um figurino do qual não dispensava as máscaras. Aos poucos, contudo, O Carnaval ganhava outros espaços e se tornaram comuns os desfiles de cavaleiros com animais enfeitados, passeando pelas ruas enquanto que as famílias ficavam nas praças assistindo os festejos carnavalescos.

Franco (1996) destaca os encontros carnavalescos promovidos por pessoas consideradas da classe alta de Serrinha, quando afirma que em 1920, Cornélio Paes já promovia encontros carnavalescos em sua em sua residência no bairro da Estação. Destaca, também, que em 1928, Celina Farani, Pepi Paes e Lourdes Freitas organizaram o cordão carnavalesco Girls And Boys (Moças e Rapazes). “As moças de um lado e os rapazes do outro em fila indiana”.

Com o crescimento do Carnaval, o então prefeito André Falcão, ao assumir a Prefeitura Municipal de Serrinha, em 1931, mandou realizar um grande “baile à fantasia” na sede do Paço, domingo e terça-feira. Além disso, promoveu um baile mais “society” em sua residência na Rua da Estação, comemorando o seu terceiro aniversário de casamento e nesse mesmo dia, seu adversários políticos Luiz Nogueira, realizou um baile à fantasia em sua residência, onde compareceram os desafetos de André.

O que não podemos fazer é discutir sobre cultura ignorando as relações de poder dentro de uma sociedade ou entre sociedades. Notem bem: o estudo da cultura não se reduz a isso, mas esta é uma realidade que sempre se impõe. Assim é porque as próprias preocupações com cultura nasceram associadas às relações de poder (SANTOS, 2006, p. 80).

O sucesso dessa festa foi tão grande que resultou numa micareta um mês depois com desfiles de carros e bailes de fantasia na sede da prefeitura, os caminhões também desfilaram repleto de foliões, na festa eram vendidas bebidas alcoólicas e lança perfume para refrescar a mocidade que aproveitava esses momentos para paquerar. (FRANCO, 1996).

¹ Informação verbal fornecida por “entrevistado 01”, durante trabalho de pesquisa.

Na década de 30 o carnaval ganhou às ruas e vários blocos desfilaram, os blocos seguiam diferentes estilos, o bloco Motta Barrão, criado pelos sapateiros Pacheco, era constituído por pessoas mais simples, mas a elite local, na sua maioria, retrato da expressão do coronelismo tinha o maior destaque das festas, assim como em outros seguimentos sociais.

E também porque, como dimensão do processo social, a cultura registra as tendências e conflitos da história contemporânea e suas transformações sociais e políticas. Além disso, a cultura é um produto da história coletiva por cuja transformação e por cujos benefícios as forças sociais se defrontam (SANTOS, 2006, p. 80).

O coronelismo foi resultado da superposição da representatividade do regime em razão de uma economia mal estruturada, ou seja, não foi algo planejado, mas resultante da necessidade da estrutura política, econômica e social vigente no país. (Leal, 1997).

Os coronéis é o representante político do governo central, são eles os chefes locais que iram substituir os senhores de terra, visto que com o fim da escravidão os senhores de engenhos e de escravos iram perder seu prestígio, surgindo aí à figura do coronel.

A sua liderança local procura postos políticos da mais alta hierarquia, mais esse era o caso de alguns poucos o que de fato permanecia era o coronelismo de Assim como em outras regiões do Brasil a elite local se mantinham no poder, controlando os meios sociais de poder e influência, e nas festas da cidade não poderia ser diferente, assim a elite, tendo como representante as “mocinhas” da família Paes, organizou o cordão Pra Bulir com Você.

Em 1936 aconteceu um dos maiores carnavais da cidade. O baile do Paço Municipal começou às 20 horas e só terminou as duas da madrugada, animada por um conjunto de música de Alfredinho do Sax.

Em 1942 surgiu o mais famoso cordão carnavalesco, o “Só falta Você”, organizado por Marieta Esmirra dos Santos. Cordão dos artistas, pedreiros, sapateiros, alfaiates etc., e que reunia a sociedade mais pobre, desfilava na rua e promovia um baile no salão das “30” de junho e em seu próprio clube na Rua Lauro Motta. Aqui, como noutros momentos, os coronéis continuavam dando o aval para a existência e atividades dessa atividade cultural.

3. A ASSOCIAÇÃO CULTURAL SERRINHENSE

A partir da década de 1950, a criação da Associação Cultural Serrinhense provoca uma reviravolta na forma como eram realizados os bailes de carnaval em Serrinha, além de mudar o destino dos mesmos.

Conforme registros encontrados no Cartório de Registros, do Fórum Luiza Viana Filho, no município de Serrinha, a Associação Desportiva Serrinhense foi fundada em 30 de outubro de 1953, tendo como os primeiros sócios muitos membros da elite local de Serrinha. Em 1962, ela passa a se chamar Associação Cultural de Serrinha (ACS).

Figura 1- Fachada da Associação Cultural Serrinhense



Fonte: Museu Pró-Memória

Segundo consta em documentos da Associação Cultural Serrinhense, os objetivos da mesma seria a de se tornar um espaço criado para o uso recreativo e poliesportivo, sem fins lucrativos. Os documentos, entretanto, não mencionam se podiam ser inseridas nesse espaço todas aquelas pessoas que desejassem participar, mas pela lista de sócios, dá para se perceber que somente pessoas consideradas da elite serrinhense tinham essa oportunidade.

A Associação Cultural Serrinhense se revelou espaço de socialização muito importante no período. Os eventos eram variados, havia festas de debutante como consta em publicação do Jornal A Tarde, ano de 1972. Outras publicações do mesmo jornal mostram a realização de outros eventos a exemplo de desfile de Miss Regional, (1973), Jogos Olímpicos (1976), e especialmente bailes de carnaval e baile de máscaras (1973). A apresentação de conjuntos musicais fazia parte dos eventos que ocorriam nesse local, como revela reportagem publicada pelo periódico jornal A Tarde.

Desfile de fantasias premiadas no baile e gola de Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em concurso realizado no ultimo carnaval, e que estava marcado para o dia 6 foi transferido para o dia 29, pois o grupo que iria apresentar o evento esta se apresentando em Nova Iorque nos Estados Unidos. As dez fantasias que estarão desfilando nos salões do ACS estão divididas em categorias luxo e originalidade, dentre as quais podemos citar: Duquesa de Luxemburgo, Feira de Caruaru, Yorá-A princesa Encantada, A lenda do Arco Fris contra o Dragão a Maldade, O Ladrão de Bagdad, Jasmim a princesa Encantada e outros (*A Tarde*, Salvador/BA. fev 1973).

Conforme pode se perceber pela reportagem, é dada ênfase ao fato de o grupo está se apresentando em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Ao analisarmos os cartazes publicitários da Associação Cultural Serrinhense de 1981, percebemos nas ilustrações a herança marcante dos carnavais do século XIX, realizados em espaços europeus. Nos mesmos, os figurinos assemelham-se com aqueles usados naquele continente.

Os bailes de Carnaval da ACS eram reservados à elite local, bem como àqueles representantes desse extrato da população que vinham de outros lugares especificadamente para participar desse evento, além dos associados da ACS. Há

um interesse dos sócios da ACS, todos do sexo masculino, de “mostrar ao povo o modo de se divertir” (PEREIRA, 2002, p. 314).

Figura 2- Cartaz publicitário da ACS



Fonte: Museu Pró-Memória.

A cobrança de um valor não acessível à população desprovida de tantos recursos financeiros se constitui num mecanismo de exclusão patrocinado pela ACS, pois o preço impedia que parte da população serrinhense tivesse acesso a esses bens culturais. Isso demonstra que

A cultura mantém relações complicadas com a sociedade de que faz parte. Ela é produto dessa sociedade, mas também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligado à manutenção de concepções e de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada à transformação destas (SANTOS, 2006, p. 86).

Já nos carnavais do início do século XX, segundo a pesquisa de Cunha (2002) se percebia a preocupação com a venda de ingresso para populares, pois o que se queria era impedir que a classe baixa tivesse acesso ao clubes de carnaval, por razões discriminatórias.

Por essa razão, nesse período surge no Rio de Janeiro, uma infinidade de clubes recreativos para classe trabalhadora. Essas associações sofriam perseguição policial. No ano de 1919 a sociedade dançante Yayá Formosa enviou, como de regra, no dia 18 de janeiro, ao chefe de polícia, o requerimento de polícia para o seu funcionamento para o ano de 1919. A princípio o chefe de polícia não demonstrou nenhuma negativa quanto à licença, mas ao saber que o clube cobrava ingresso a preços baixos e que qualquer um poderia participar do evento se negou a dá a licença com a justificativa de que misturas de populares poderia trazer danos a sociedade:

Configurando como um grande problema, a cobrança de entrada apagava todas as informações positivas colhidas anteriormente, constituindo, aos olhos da autoridade, uma mostra inequívoca de sua periculosidade. Como resultado, o segundo delegado auxiliar Armando Vidal recomendou ao chefe de polícia o indeferimento das petições, o que foi feito no próprio dia primeiro de fevereiro (Pereira, 2002, pag. 420).

Esse evento foi uma tragédia para o clube, pois tudo já estava preparado para os dias festivos e mais que isso, esse evento demonstrou muitos dos problemas que marcava, no período, a experiência dos membros de sociedades pobres. Espalhadas por toda a cidade, elas haviam se transformado em centros recreativos de parcelas pobres da população.

Criados á dezena em todos os bairros da cidade, esses clubes dançantes tinham como característica principal serem compostos por pessoas de baixa renda. Eram criados em edifícios de construção antiga carecendo de pintura e saneamento básico e adequado, atestando a precariedade e limitação financeira de seus componentes. Mesmo distantes geograficamente, a ACS têm práticas semelhantes àquelas difundidas pelos chefes de polícia do Rio de Janeiro.

Os bailes na ACS começavam por volta das 22 horas, indo até às cinco horas da manhã e os festejos geralmente prosseguiam por três dias, sempre no início do ano, com alternância de dias e meses.

Os dias de carnaval mobilizavam toda a região e o comércio se beneficiava da grande quantidade de pessoas que recorriam às lojas, quitandas e pontos comerciais para adquirir produtos para consumo durante os dias de festas.

Além disso, muitos parentes das famílias serrinhenses que estavam fora da cidade vinham prestigiar o evento o que conseqüentemente deveria aumentar as compras de supermercados, além dos turistas que se hospedavam nas pequenas pousadas que o município dispunha naquele período.

O setor de serviços também era favorecido, pois muitos iam às costureiras para produzir suas vestimentas, fantasias, máscaras, entre outros acessórios que fossem necessários para completar o figurino como relata Franco (1996). Nesse período certamente muitos conseguiam uma renda extra, como os vendedores ambulantes que vendiam dos mais variados produtos, entre eles, doces, salgados, fantasias, máscaras, roupas, enfeites.

Nos dias do evento, além da tradicional festa de máscara e fantasia, havia também a apresentação de outras expressões culturais da localidade, a exemplo do maculelê, dança com ginga de capoeira e as danças de roda, mostrando a riqueza cultural da nossa terra, herança marcante da cultura negra.

3.1 As transformações socioculturais ocorridas em Serrinha, no período de 1970-1980, decorrentes da atuação da ACS.

Com chegada da ACS houve uma maior divisão de classe dentro do carnaval da cidade. O carnaval da ACS era o carnaval da elite local e regional enquanto o carnaval de rua destacava-se pela diversidade de grupos. Como mostra a fala do senhor Ranufo:

O carnaval da rua continuou, tinha ano que era bom, mas tinha ano que a prefeitura não investia muito, então não tinha atração boa, o que mais o povo gostava era quando o pessoal do clube sai com os carros alegóricos pela cidade, a rua ficava cheia de gente, todo mundo aplaudia, o carnaval de fato acontecia quando o clube fazia

seu desfile, nessa hora todo mundo se misturava. (Informação verbal).³

Uma análise de parte da fala do nosso entrevistado mostra que num determinado momento “todo mundo se misturava”, isso quer dizer que antes isso não era possível. Nessa fala, podemos perceber que havia uma divisão de classe, esse “todo mundo se misturava” quer dizer que as classes distintas se misturavam.

O clube era frequentado mais por gente de condição da cidade. Os ingressos eram meio caros e era difícil ver uma pessoa sem posses na ACS. Era muita gente bonita, moças educadas, gente muito fina e elegante, acredito que até casamentos eram arranjados nessas festas, pois era o lugar onde as moças podiam encontrar rapazes do mesmo nível dela. (Informação verbal⁴).

Repare que as moças eram “muito educadas” e quando fala assim ele se refere à educação escolar e nesse período só quem tinha dinheiro podia arcar com as despesas do ensino para os seus filhos. Como acontece hoje, o ensino publico era deficiente e até escasso além do fato da escola pública não disponibilizar vagas suficientes. Sendo assim, quem quisesse continuar os estudos tinha que arcar com as despesas e conseguir uma vaga no primeiro colégio de Serrinha, o Colégio Estadual Rubem Nogueira.

Com a chegada da ACS, o carnaval de rua perdeu espaço para o carnaval do clube. Nos jornais da época, é visível o destaque maior para o carnaval do clube, carnaval em Serrinha passou e ter como sinônimo o carnaval da ACS.

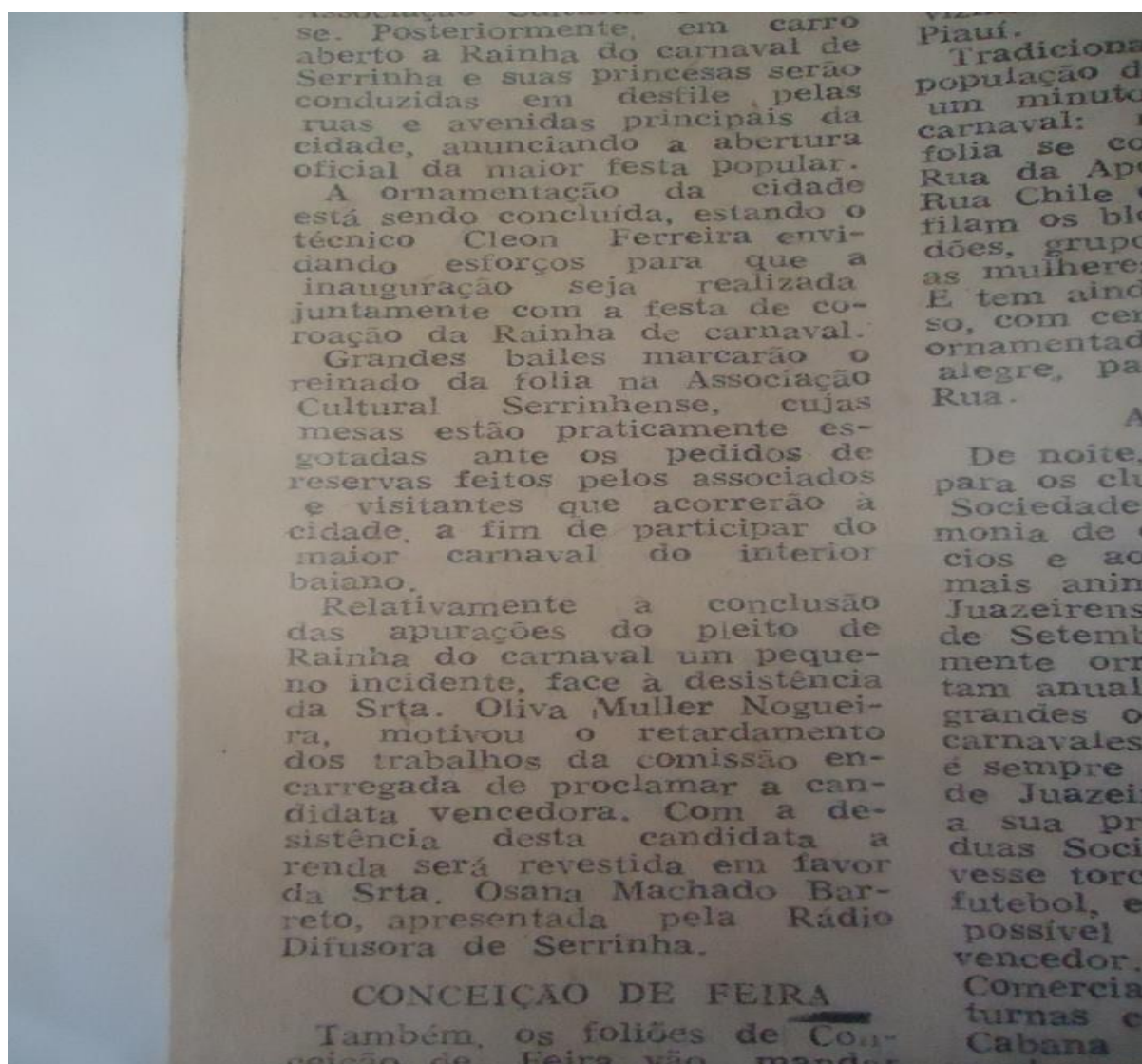
O carnaval da rua continuou, tinha ano que era bom, mas tinha ano que a prefeitura não investia muito, então não tinha atração boa o eu animava mesmo era quando o pessoal da ACS saía pelas ruas depois de iniciar a festa no clube a cidade toda ficava agitada (informação verbal)⁵.

³ Informação verbal concedida pelo Sr. Ranulfo.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

Figura 3- Publicidade sobre O Carnaval da ACS.



Jornal A Tarde 1972 Museu Pro Memória

Com a concentração e valorização do carnaval da ACS, diminuí os investimentos no carnaval de rua. O carnaval da cidade (não do clube) denunciava a pobreza cotidiana da maior parte dos serrinhenses, mas em contrapartida o clube esbanjava luxo nos seus desfiles com carros alegóricos com tom de desafio dirigido aos habitantes dos bairros mais populares. Marca-se aí uma tentativa de diferenciação social mais que espacial, que pode ser percebida também em outros aspectos relacionados às práticas carnavalescas.

Essa também foi uma realidade para o carnaval de Rua do Rio de Janeiro. O destaque dado ao carnaval de rua era feito apenas para relatar suas desventuras. Já

as Grandes Sociedades Carnavalescas passaram a lograr êxito nas manchetes dos jornais.

A ACS procurava se inspirar nas festas carnavalescas produzidas pelos grandes clubes do Rio de Janeiro, desta forma agregando valor às festividades locais.

Aquela era a época dos carnavais, ouvia-se falar muito dos carnavais do Rio, saía sempre nos jornais da época, a gente aqui procurava fazer igual, mas claro que a importância do carnaval daqui e do Rio nem se comparava (informação verbal)⁶.

No Rio de Janeiro, os carnavais das Sociedades Carnavalescas eram apoiados pela Companhia de Transporte do Rio de Janeiro (PEREIRA, 2002), enquanto que em Serrinha, a ACS se valia do patrocínio da Prefeitura Municipal de Serrinha que bancava os custos com algumas atrações.

A influência da ACS era perceptível também na definição das datas que iriam acontecer os festejos. Geralmente, as festas de ruas deveriam acontecer nos mesmos dias planejados pela ACS para o seu Carnaval.

O carnaval de Serrinha (ACS) ganhou as manchetes dos jornais no período, trazendo prestígio para a cidade e região, pois como conta um dos entrevistados e também os jornais, o carnaval de Serrinha – leia-se ACS - era o segundo melhor carnaval da Bahia, perdendo apenas para o carnaval de Juazeiro.

O carnaval de Serrinha (ACS) era muito falado, saía em tudo que é jornal [...]. O carnaval de Serrinha (ACS) era o melhor carnaval que se ouvia falar, perdia só para Carnaval de Juazeiro. Era uma festa muito bonita. (Informação verbal).⁷

O carnaval da ACS se estendia às ruas, onde o seu público desfilava em seus cordões, sendo aplaudidos pelos populares que ao fim do cortejo buscava a alegoria mais glamorosa, demonstrando o prestígio que as animações do clube tinham perante os populares.

A festa começava no clube, depois ia pra rua, todo mundo participava. Não tinha essa de pobre ou rico [...]. É verdade que só entrava no clube quem tinha dinheiro para pagar, se não tinha, não

⁶ Informação verbal prestada pelo Sr. Nogueira.

⁷ Informação verbal prestada pelo entrevistado 3.

entrava, mas mesmo assim não quer dizer que na hora dos desfiles o povão não pudesse se juntar (informação verbal)⁸.

Faz-se necessário refletir sobre as relações entre sociedades carnavalescas de ricos e brancos em busca de status que as aproximavam, posteriormente, de outro público entusiasta que as aplaudia pelas ruas, criando para o carnaval uma falsa imagem de igualdade e homogeneidade.

Ao fazer a leitura da obra *Ecos da Folia* da historiadora Cunha (2001), podemos perceber como as classes populares se mostram bestiais em face do glamour dos mais ricos, admirá-los e aplaudi-los parece lhes dá uma falsa sensação de também fazer parte daquele mundo, entretanto, os ricos e brancos não estavam dispostos, é claro, a considerar como sujeitos ou como iguais àqueles que congestionavam as ruas, mas pretendiam falar em nome deles, traduzindo anseios e interpretando necessidades ao mesmo tempo em que promoviam sua educação e seu refinamento, visando uma liberdade sempre protelada.

Outro aspecto que devemos destacar como sendo impulsionado pela presença da ACS foi o papel desempenhado pelas mulheres de Serrinha a partir do Carnaval daquela Associação.

A figura feminina nos Carnavais da ACS é bastante limitada, porém, é possível vê-la participando das festividades patrocinadas e promovidas por esta Associação, nalguns momentos de forma bastante específica.

[...]as festas eram sempre alegres, todo mundo participava: tanto homens quanto mulheres. Tinha até bloco só para as mulheres e as mulheres se envolviam muito nas festas: elas arrumavam o ambiente deixando tudo muito bonito. Até que os homens também ajudavam, mas você sabe né, mulher tem mais jeito com essas coisas [...] (entrevistado 02)⁹.

A fala do nosso entrevistado ainda carrega muito do papel da mulher como doméstica, dona do lar, aquela responsável por cuidar da casa, filhos e do marido, tanto é que mesmo com a ajuda do homem, o entrevistado credita a boa arrumação do clube à participação feminina.

A presença da ACS em Serrinha acabou por impulsionar a participação das mulheres noutras atividades fora do ambiente doméstico. Sabemos que, historicamente, à mulher foram reservados outros espaços e dessa forma cerceada

⁸ Informação verbal prestada pelo Entrevistado 02.

⁹ Idem

a possibilidade de inserir-se noutros espaços, esses permitidos somente à figura masculina.

Nos carnavais promovidos pela ACS, a participação das mulheres não fica restrita única e exclusivamente à arrumação dos espaços, como possivelmente pode se presumir a partir da fala do nosso entrevistado acima citado. Ela participaria de concursos, cordões, festas, etc.

Após o Carnaval, os espaços da ACS eram utilizados para outros eventos culturais envolvendo as mulheres de Serrinha e região, a exemplo dos Bailes de Debutantes, Festa de Quinze Anos, Casamentos, Miss Beleza regional, Desfile das Crianças que contava com a organização das mulheres. Todos esses eventos eram publicados nos jornais da cidade e da região.

Figura 4- Mulheres participando de concursos nos Carnavais da ACS.



Jornal A Tarde 1971, Museu Pro Memória, Serrinha.

A participação das mulheres nos carnavais e festas da ACS pode ser compreendida como um dado revelador da mudança de comportamento da sociedade serrinhense em relação ao universo feminino, mostrando a quebra de determinados obstáculos. Isso é reflexo de um momento em que as mulheres se viam conquistando espaço e liberdade, como por exemplos, a descoberta da pílula e a carta de divórcio.

Ao analisarmos, porém, as atas de fundação e das reuniões da ACS, descobrimos não constar em nenhuma delas o nome de mulheres, embora elas participassem ativamente desse processo.

Um dado importante é que as mulheres da ACS eram aquelas consideradas mulheres de “família”. Embora não podendo participar dos clubes carnavalescos como sócias, se mostrou presente nos carnavais e, dentre eles, incluía-se aqueles do município baiano de Serrinha, principalmente os realizados pela Associação Cultural de Serrinha, diferente dos clubes do Rio de Janeiro onde as mulheres de “família” não podiam frequentar tais lugares, apenas as “sirigaitas” (BURKE, 2002, Pag. 313).

Além das festividades carnavalescas, a ACS promovia outros eventos bastante publicizados pelos periódicos de então, como cerimônias de casamentos, bailes de debutantes, festas para crianças desfiles de miss entre outros eventos.

Ao reunir os moradores da cidade, o Clube convertia-se, assim, em centro de recreações diversificadas para o seu público. Mais do que festas e bailes, eles podiam encontrar no clube todas as diversões “lícitas”, tais como, passeatas nos dias de carnaval, *pic-nics* e as várias modalidades de jogos, segundo consta nos jornais da época.

Ao articular seus sócios a partir do lazer, a associação tornou-se um espaço de manifestações de suas próprias tradições festivas. Ao fazer do lazer um motivo de reunião, os sócios mostravam ter no clube um elemento de identidade extrapolando a simples recreação, eles formavam por meio dessa associação laços expressos em momentos diversos.

Essa recreação porém não estava isenta de regras e preceitos, ditados pela diretoria, eles criavam normas de comportamento capazes de sugerir um universo de valores próprios, era proibido brigas e palavras que demonstrasse desrespeito para com as senhoras.

Figura 5 - Casamento religioso na ACS



Fonte: A Tarde, 1976.

No início de século XX a formação de clubes para esse fim era um fenômeno, que estaria relacionado ao novo papel das famílias ricas de valorizar o “consumo do lazer” (PEREIRA, 2002), produzindo uma atmosfera cosmopolita pluricultural, marcada por uma vocação singular para o culto do prazer e da alegria (PEREIRA, 2002).

Nestes caminhos, a ACS teria ajudado criar uma das identidades culturais de Serrinha, determinada, agora, por novos comportamentos, as famílias encontram outros espaços, além do privado, para reuniões, encontros, discussões, e lazer.

Mas, a ACS também revelaria as segregações construídas dentro dos espaços sociais. Não se apresenta apenas como um espaço de difusão de solidariedade entre os seus, mas ao fazer isso, deixa de lado, excluindo aqueles que não podem ultrapassar os seus portões, seja por falta de recursos para adquirir um ingresso e ter acesso aos eventos, seja por mecanismos sutis criados por seus dirigentes como maneira de impedir aqueles que não fazem parte dos iguais.

Nos bailes, encontros e outras atividades promovidas pela ACS, os seus participantes experimentariam muitos momentos alegres, saudáveis, mas porque

também não dizer, ocasiões em que outras interpretações podem concluir que através das atividades culturais os grupos que estão por trás delas procuram reafirmar os lugares, seja daqueles que conseguiram ultrapassar os portões, ou de outros que lá não tiveram acesso autorizado.

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho de investigação surgiu das minhas inquietações acerca do papel da ACS na cultura do município de Serrinha-Bahia. Para realiza-lo, assim como qualquer outra pesquisa, os nossos esforços se concentraram, sobretudo em garimpar fontes, fossem elas orais ou escritas, que nos ajudasse a dar conta dos nossos objetivos.

Consideramos o mesmo como construtivo, pois conseguimos dar conta de muitas das nossas inquietações e, ao fazermos isso, estaremos deixando uma fonte escrita de consulta para aquelas pessoas que porventura se interessarem pela história da ACS, bem como da própria cultura de Serrinha nas décadas de 1970-1980, tempo recortado para o nosso estudo.

Ao investigarmos as transformações culturais provocadas pela ACS em Serrinha, ressaltamos a necessidade da importância dos espaços sociais, não apenas e tão somente como espaço de lazer, mas, também, de construção de outras realidades, que nalguns momentos pensamos estar tão distantes dos bailes de carnaval ou das festas de formatura. Foi no espaço da ACS e em eventos como os citados que muitas das vezes os representantes do poder local traçavam outras possibilidades para a política, economia local.

Através deste trabalho, também foi possível pensar a participação da mulher em espaços vistos como meramente masculinos. Essas mulheres agiram, interferiram, mesmo que inicialmente meio sutilmente, reconfigurando locais e, aos poucos, possibilitando a quebra de concepções marcadamente masculinas. Com o passar do tempo, a figura feminina vai se tornando presente, de forma mais intensiva, não somente na ACS, como noutros espaços.

Outro ponto considerado importante e que trazemos nessa investigação refere-se ao legado do carnaval como elemento fomentador do desenvolvimento social e cultural da cidade de Serrinha. Foi com a promoção do carnaval na cidade que o município teve destaque nos jornais da região e até em periódicos de outros Estados, fato perceptível ao analisarmos o material gráfico da época. Mais uma vez, neste aspecto, o papel da ACS, cremos ter sido de extrema importância, dada às suas investidas com o objetivo de promover grandes eventos.

Para tornar possível, como vimos, a ACS contava com os investimentos do poder público municipal, como também dos empresários locais sabedores dos benefícios econômicos que teriam com a presença de inúmeras pessoas de outras localidades consumindo os seus produtos.

Concebida como um espaço agregador da elite local, a ACS se destacou como instituição promotora da cultura serrinhense. Fez isso a partir do seu olhar, das concepções predominantes no seu tempo, o que incluiria dizer que daquelas manifestações, bem como daquele espaço, somente participariam os que estivessem autorizados para tal.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter (Org.). **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. S. Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e Outras f(r) estas: Ensaio de Historia Social da Cultura**/Maria Clementina Pereira Cunha, (org.). – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002. In: Peter Burke, Alexandre Lazzari, Marta de Abreu, Cristina Schettini Pereira, Leonardo Affonso de Miranda Pereira.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia: Uma Historia Social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FRANCO, Tasso. **Serrinha: A colonização portuguesa numa cidade do sertão da Bahia-Salvador**: EGBA/Assembleia Legislativa do Estado, 1996.

FRERE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. 3.ed. São Paulo: Centaruo, 2001.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PEREIRA, Cristiana Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas carioca em fins do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas, SP: Unicamp, Cecult, 2002.

RODRIGUES, André Wagner. **História, Historiografia e Ensino de História em relação dialógica com a Teoria da Complexidade**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.
SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiro Passos).

SCHWARCZ, Lilia Mortiz, 1957. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.